

OUTRAS VOZES DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA: UMA ANÁLISE DO DISCURSO

OTHER VOICES OF ADDICTION: A DISCOURSE ANALYSIS

Érica Andrade

Psicóloga, Especialista em Psicanálise Clínica e Psicopedagogia Institucional, Mestranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Sérgio Arruda de Moura

Professor da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem, Centro de Ciências do Homem (CCH). Doutor em Literatura Comparada pela UFRJ (1992) e Pós-doutor pela Universidade de Paris XII – Val de Marne

Resumo:

O discurso não se apresenta de maneira clara e transparente. Ao contrário, sua opacidade, aponta para o fato de que para uma compreensão dos enunciados, em sua rede de significações, torna-se necessário o esforço da interpretação de discursos outros que se colam ao discurso objeto de análise. Dessa forma, se origina o interdiscurso e sua importância na constituição dos sentidos que se busca. O presente artigo aborda a questão do discurso do sujeito envolto na dependência química, numa busca pelas outras vozes que permeiam sua narrativa. Apresenta-se uma breve conceituação dos principais eixos temáticos em questão, quais sejam: discurso, dependência química e análise do discurso. Sobre este último constructo, o paradigma teórico utilizado foi o da escola francesa de análise do discurso, tendo o conceito de interdiscurso sido escolhido como dispositivo de análise. A metodologia envolveu, além da pesquisa bibliográfica, a análise de uma entrevista de caráter semi-estruturado com um sujeito adicto, interno em uma clínica de recuperação. A partir da transcrição dos dados, passou-se a exemplificação do olhar da análise do discurso sobre o relato obtido, na busca da identificação da relação do dizer do “eu” e do dizer do “outro”. Percebe-se que nos trechos do discurso ora apresentados, o sujeito fazia referência a um outro discurso, dito noutra época, por outrem. Os trechos da entrevista apresentados ilustraram que, independentemente da consciência que se tenha disso, o dizer do outro, originalmente em tempo passado, bem como as condições de produção do discurso, terão um peso de significação no dizer do eu. Conclui-se que para uma melhor compreensão dos sentidos presentes no discurso do sujeito em situação de dependência química, o conhecimento das outras formações subjacentes ao seu dizer são relevantes.

Palavras chave: discurso, dependência química, análise do discurso.

Abstract: The discourse is not presented as clear and transparent. Rather, its opacity, points to the fact that for an understanding of the statements in its network of meanings, it is necessary the effort of interpretation of other discourses which stick to the subject of discourse analysis. Thus, stems interdiscourse and its importance in the constitution of the senses we are seeking. Thus interdiscourse constitutes an important element in the search for meanings. This article addresses the question of the attitude of the addiction wrapped in a search for other voices that permeate his narrative. It presents a brief evaluation of the main themes in question, namely: discourse, chemical dependency and discourse analysis. On the latter construct, the theoretical framework used was the French school of discourse analysis, the concept of having been chosen as interdiscourse analysis device. The methodology involved, in addition to the literature, an interview with a fellow addict, an internal clinical recovery. After transcribing the same, we started to look exemplification of discourse analysis on the report obtained, in order to identify the relationship of saying "I" and say "other." It is noticed that in the passages of the speech presented here, the subject made reference to another speech, said another time, by others. It is concluded that a better understanding of the meanings present in the discourse of the subject in a situation of dependence, knowledge of the other formations that underlie their say are relevant.

Keywords: discourse, chemical dependency, discourse analysis

INTRODUÇÃO

O problema do uso abusivo de substâncias químicas tem sido alvo de muitos debates, por vários atores do cenário social. Um grupo significativo de estudos tem buscado identificar preditivos para o envolvimento com drogas, objetivando, entre outros aspectos, favorecer a ações preventivas e educativas.

Um outro grupo importante de produções tem se dedicado a verificar a extensão dos danos que o uso excessivo de substâncias químicas pode causar ao organismo. São os autores que discutem sobre as lesões cerebrais, os comprometimentos de determinadas funções orgânicas, e outros danos à saúde do sujeito dependente químico.

Alguns preocupam-se com o impacto social do fenômeno dependência química, fazendo uma leitura sobre os vários nichos sociais afetados pela referida questão. Temas como a violência, julgamento de atos infracionais, contexto de miséria, acesso precário a educação, sistemas carcerários, entre outros estão em voga.

Aos cientistas da psicologia, cabe a reflexão sobre os aspectos comportamentais que podem ser identificados na situação da drogadição, bem como todos os sentimentos evocados nas mais variadas fases desse processo. No caso da psicanálise, muitos

estudos tem sido produzidos acerca das questões inconscientes implicadas na escolha adictiva.

Estas são importantes contribuições de campos específicos do conhecimento acerca deste mesmo objeto: o uso de substâncias químicas pela via da dependência.

Que tipo de contribuição os estudos da Linguagem poderiam oferecer à referida questão? Essa pergunta foi um dos motivadores da presente pesquisa, que apresenta-se como um esforço de interdisciplinaridade, mantendo um diálogo entre a saúde coletiva, a psicologia (e porque não dizer a neuropsicologia), os estudos da linguagem e outras áreas do conhecimento que recobrem para si quaisquer um dos aspectos que apreciaremos neste artigo.

A inquietação científica é sobre a fala desse sujeito, imerso em tamanha complexidade existencial: a dependência química. O enfoque é sobre o discurso do sujeito, com a finalidade de compreender para mais além do que o mesmo consiga dizer nas palavras aparentes. É sobre os disfarces do discurso que o presente artigo trata, e de como, ao elucidá-lo, novos sentidos podem vir surgindo.

O conceito de dependência química

Drogas naturais, drogas fabricadas, uma infinidades delas. Segundo Carneiro (2005) mesmo em períodos bem remotos aos nossos dias, como no tempo da colonização, havia drogas sendo utilizadas pelos homens. Nesta época, por exemplo, o pau-brasil e o açúcar, eram conhecidas como as drogas do sertão.

Para Ballani e Oliveira (2007), dentre as drogas fabricadas contam-se os fármacos, vendidos livremente nas drogarias, ou comercializados mediante a prescrição médica, possibilitando que as drogas possam ser definidas como substâncias capazes de impactar o organismo de alguma forma. Para estas autoras, as substâncias denominadas psicoativas, psicotrópicas ou de abuso, têm um caráter diferente destas primeiras, uma vez que atuam de maneira muito específica sobre o organismo, alterando o funcionamento cerebral, os estados mentais, impactando desta forma os sentidos, o psiquismo, distorcendo sentimentos, pensamentos e ações.

Segundo Longenecker (1998) as drogas que induzem à excitação¹ valem-se das sensações de prazer, as sensações orgásmicas, as quais, uma vez experimentadas, serão associadas pelo cérebro como um resultado de certa ação causadora. Esta memória se tornará a motivação para buscar novamente a mesma ação causadora, qual seja a ingestão de drogas psicoativas.

A Organização Mundial de Saúde – OMS considera a dependência química um dos mais alarmantes problemas de saúde pública dos últimos cem anos. Segundo suas pesquisas, pelo menos 10% da população mundial dos grandes centros urbanos faz uso de drogas sob forma de dependência (OMS, 2001).

Um quadro de dependência química pode ter origem num mero uso social. Conforme nos afirma Thomas e Roig (1998), a curiosidade é um fator que pode levar o sujeito a um uso social da droga, no sentido de que buscar algo novo se apresentará como irresistível, elogiável por um certo grupo de pessoas, favorecendo a primeira experimentação.

Segundo Tavares (2001), a OMS classifica o uso de drogas em função de algumas categorias e padrões de uso. Alguns sujeitos experimentarão a droga ao menos uma vez, outros usarão esporadicamente, cerca de uma vez a cada ano, outros sujeitos farão um uso mais contínuo, drogando-se geralmente uma vez ao mês, diferente daqueles que fazem um uso mais frequente de drogas, podendo-se falar em seis vezes ou mais ao longo do mês. Contudo haverá aqueles – que neste artigo compreendemos como dependentes químicos –, que farão um uso pesado de drogas 20 vezes ou até mais ao longo de um mês.

Falar em drogadição e em dependência por uso de drogas implica mais do que um foco no produto em si. Segundo Sudbrack e Pereira (2008), as referidas expressões nos permitem pensar em um conjunto de relações e comportamentos que extrapolam o âmbito individual da dependência ou as consequências visíveis geradas pelo uso da droga. Assim os autores apontam para outras dependências relacionadas àquela da droga, como o caso das “dependências relacionais”, tais como as dependências afetivas, dos pares, dos provedores e dos fornecedores.

Os teóricos afirmam que existem diversos fatores que uma vez interagindo apontam para um padrão de consumo mais ou menos nocivo. Fatores como o tipo de

¹ Diga-se desta forma, porque existem categorias de substâncias químicas que induzem ao entorpecimento e não a excitação.

droga que se utiliza, aspectos bio-físicos do sujeito que consome a droga, o perfil psicológico em questão, e as nuances do entorno social desse sujeito, são alguns destes fatores que, dependendo da experiência do usuário, podem se caracterizar como preditivos a uma dependência química (SILVEIRA e MOREIRA, 2006).

Com Sudbrack e Pereira (*op. cit.*), compreende-se que o grau de dependência que uma droga pode gerar não está associada ao valor de mercado que esta pode ter. Isto porque, segundo os autores, até mesmo drogas muito baratas, comercializadas geralmente em ambientes sociais menos favorecidos, são capazes de gerar efeitos muito intensos.

Substâncias como o *merla* e o *crack*, podem provocar estados eufóricos, paranóicos, alternando entre delírios e fissura pela droga, o que já caracterizaria uma via compulsiva de uso além de um quadro de dependência química (BAUMKARTEN, 2001).

Para Thomas e Roig (*op. cit.*), o uso excessivo de drogas haverá de causar um prejuízo considerável das memórias do sujeito, comprometendo a formação e a recepção de memórias, a associação de memórias, bem como o seu armazenamento. Além disso, o mesmo autor, afirma que o uso de drogas, em termos de uma adicção², terá como uma das consequências para o sistema nervoso e demais regiões cerebrais, um aumento exponencial de liberação de certos neurotransmissores, levando-o a um nível de excitabilidade neuronal, vivenciado pelo usuário como uma grande tormenta. Os autores nos sugerem que:

Consideremos a drogadição como uma interação organismo/substância química e que, assim sendo, evolui de maneira multiforme, segundo as condições cerebrais, psíquicas, sistêmicas do paciente, tipo, frequência, dose, via de administração da droga utilizada, alterações bioquímicas e sequelas que se seguem ao abuso da substância (THOMAS e ROIG, *op. cit.*, p.79)

² De acordo com o Glossário de Álcool e Drogas, de SISNAD (2006, p. 16), adicção é “o uso repetido de uma ou mais substâncias psicoativas, a tal ponto que o usuário (designado como um adicto) fica periódica ou permanentemente intoxicado, apresenta uma compulsão para consumir a substância preferida (ou as substâncias preferidas), tem grande dificuldade para interromper ou modificar voluntariamente o uso da substância e demonstra uma determinação de obter substâncias psicoativas por quaisquer meios”.

O conceito de Discurso: breve percurso pela história da linguagem

Entre outros aspectos, o maior intuito do presente estudo é apontar para uma possibilidade de melhor compreensão subjetiva do indivíduo em situação de drogadição, partindo de um olhar diferenciado do que o mesmo diz. Sobretudo a respeito do que ele diz acerca da situação em que está, das razões que aponta, das perspectivas que tem, da história que narra de si mesmo. Para tanto, faz-se necessária uma delimitação do objeto de estudo em questão, já que sobre esse dizer, uma série de contribuições teóricas podem ser escolhidas a fim de elucidá-lo. Borges Neto (2004) confirma essa necessidade ao afirmar que as teorias linguísticas não podem se furtar a fazer esta escolha, que não é outra se não a de dar importância a certos aspectos do seu objeto, deixando outros fora de seu enquadre. Segundo o autor, o que vai compondo a pluralidade entre as teorias da linguagem é justamente a questão de que cada escola deverá relevar um aspecto diferente deste objeto tão complexo: a linguagem.

Marcondes (2009) conceitua o discurso como sendo um elemento sintático ao qual o homem lança mão para que os sons que emite sejam mais do que ruídos sonoros, simples proferimentos, como no caso dos animais por exemplo. Assim o homem se utiliza de sua capacidade para articular os sons como uma expressão do seu pensamento. Para o autor, a linguagem tem uma função comunicacional, e esta merece especial atenção, uma vez que falaremos sobre determinado assunto, à determinada pessoa, com um objetivo específico, o que determinará a maneira como utilizaremos a retórica³. Ao fazer uma apresentação de vários teóricos que oferecem suas contribuições aos estudos da linguagem, o referido autor aborda os postulados de John Locke, afirmando que para este é por meio da linguagem que conseguiremos divulgar o que pensamos aos outros, a quem desejamos fazê-lo, tornando-a, portanto, fundamental à manutenção da dimensão social dos sujeitos. No entanto, Locke aponta a um recorrente mau uso das palavras, o que faz com que a linguagem seja pouco confiável, sendo a análise da relação entre as palavras e as idéias, uma solução viável para superação de tais erros e maus usos. Neste sentido, a semântica de Locke possui um caráter mentalista, no que as palavras estão remetidas ao seu conteúdo na mente do falante. O bom entendimento na comunicação se dará então, por esta passagem que se faz das palavras às idéias.

³ Segundo Pinto (2006), retórica refere-se à estratégia do orador a fim de conseguir a adesão de um determinado público. O autor ainda afirma que a retórica possibilita ao analista do discurso a identificação no lingüístico da organização dos argumentos do discurso.

Russell (1978) afirma que ao utilizarmos as palavras, não o fazemos apenas por aquilo que prontamente elas podem indicar, mas por que desejamos que o interlocutor faça algo com as palavras que entregamos. Esta indeterminação do significado das palavras tem efeitos importantes sobre o fenômeno conversacional:

De acordo com a abordagem de Herbert Paul Grice, o processamento de uma implicatura conversacional envolve dois estágios: um primeiro estágio negativo, no qual o ouvinte detecta que o significado do falante diverge do significado convencional [...]; e um subsequente estágio positivo, no qual o ouvinte tenta desencavar o pensamento escondido do falante e, desta forma, identificar o significado intencionado (MEDINA, 2007, p. 40)

A presente pesquisa é resultado então de uma escolha, qual seja, a do olhar da análise do discurso sobre os enunciados do sujeito. Com isso, já estamos dizendo que não nos aproximamos dos enunciados numa atitude crítica da materialidade do que se diz, o que deixaremos para os semanticistas. O enfoque fôra a subjetividade do que está sendo dito. Muitas vezes a busca mesmo por aquilo que está presente na fala do sujeito, mas que não fôra formalmente enunciado. São os meandros do discurso e da análise do discurso.

Segundo Foucault (1971), os discursos devem ser compreendidos não em sua unidade, mas em sua dispersão, sendo a análise do discurso o dispositivo para elucidação. Brandão (2004) corrobora, afirmando que não é a unidade do sujeito que atravessa o discurso, e sim a dispersão do mesmo que vai determinar suas possibilidades.

Segundo Orlandi (2010), o discurso é a mediação entre o homem e a realidade. É através daquele que o homem consegue estar atrelado à realidade, deslocar-se entre a realidade natural, a social e outras nuances da realidade e também alcançar a transformação desta e de si mesmo.

Um dos postulados do estruturalismo europeu diz respeito a uma impossibilidade de estudar de maneira científica a linguagem sem levar em consideração o seu caráter sistêmico. A linguagem segundo Saussure (s.d.), deve ser considerada em sua estrutura interna. Quando falamos, realizamos concretamente o sintagma a partir das reservas virtuais fornecidas pelo paradigma da língua. É, pois na oposição e conciliação entre fala (*parole*) e língua (*langue*) que os signos se exteriorizam. A linguagem é assim a soma da língua mais a fala e se realiza plenamente na massa de falantes. Decorre desse caráter sistêmico a exclusão do sujeito nas suas intencionalidades, afora o fato de se conceber a linguagem como uma estrutura

eminentemente linguística, sem nenhuma afetação circunstancial, ou contextual. Ao contrário, correntes como a pragmática, que vê a língua como ação, e a análise do discurso, que relaciona o dito (enunciado) a formas específicas do dizer (enunciação), reinsere o sujeito nas considerações da análise. Decorre disso considerações sobre os quadros tanto ideológicos quanto inconscientes que o determinam com tal e propiciam perguntas assim orientadas metodologicamente: “como esse texto significa”, ao contrário de “o que esse texto significa”?

Segundo Araújo (2004, p. 202), o discurso enfatiza “os processos de comunicação em situação de uso”. A autora afirma que essa abordagem traz em seu bojo algumas vantagens, dentre as quais favorecer a compreensão da linguagem como sendo constitutiva da relação entre os indivíduos que se comunicam a todo instante em meio a situações que trazem em si a não simplicidade como marca. Fazendo referência à teoria foucaultiana, a autora ressalta a percepção do discurso enquanto prática social, tendo a linguagem papel fundamental para a comunicação no agir social. Afirma ainda que uma abordagem com tal ênfase privilegiará a linguagem em sua exterioridade, ou seja, a relação entre os fatores linguísticos e não linguísticos tendo o sujeito como pivô.

Entende-se desta forma, que a compreensão da linguagem deriva de um trabalho de interpretação. Para Pêcheux (1983/2002) o lugar da interpretação diante da linguagem é garantido pela suscetibilidade que todo enunciado tem de se tornar outro, algo diferente de si mesmo, que se desloca discursivamente de um sentido original, para alcançar um outro, mantendo sempre no campo da possibilidade uma série de pontos de deriva.

Ocorre que, na busca da compreensão de certo enunciado, o ouvinte pode incorrer no que convencionou-se chamar de atos perlocutórios⁴. Para Polido (2010), as palavras podem exercer um efeito perlocutório ao desencadear uma alteração imediata sobre o ouvinte. Isso não implica, necessariamente, que o enunciator deliberou tal reação, mas as diferenças de conhecimentos específicos entre ouvinte e falante podem levar a tal efeito. Segundo Searle (1984), o ouvinte infere o sentido das palavras que ouvira, e sob esta inferência, é capaz de pensar de determinada forma ou mesmo de agir

⁴ Segundo Medina (2007), a função e o objetivo de atos ilocutórios dizem respeito à realização de um ato, a realização bem sucedida de uma ação por intermédio da linguagem. Para um estudo mais aprofundado sobre este conceito e sobre os demais atos da fala, ou atos da comunicação, consultar a obra Medina (*op. cit.*).

desta ou daquela maneira. É nesse sentido que Penco (2006) afirma que o sentido da fala, das palavras, dos enunciados, é na verdade o seu potencial inferencial.

Para Foucault (2009), o discurso não consiste apenas naquilo que ele desvende ou esconde; antes, é também um objeto desejado, no sentido de que possuir o direito ao discurso bem como poder controlar o discurso, são especiais possibilidades de dominação entre as classes, fazendo do mesmo um instrumento do qual todos desejam se apoderar. Para o autor, o discurso está longe de ser um elemento posto à neutralidade e à clareza, à transparência – e isso se dá por sua estreita relação com o desejo e o poder.

Estas afirmativas e outras apontam para uma dimensão que vai além da materialidade da língua, apesar de tê-la como um pressuposto. Segundo Orlandi (*op. cit.*), uma análise do discurso buscará o sentido da língua enquanto elemento subjetivo, convidando-nos a um olhar menos ingênuo da linguagem, ao afirmar que estamos sujeitos aos equívocos da linguagem, à opacidade da linguagem, ou seja, uma impossibilidade de que os signos mais simples que usamos para nos comunicarmos sejam aquilo que parecem ser. Segundo a autora, os signos estão atravessados pelos sentidos e pelos aspectos políticos de seu uso. Dessa forma, não há como haver uma aproximação da linguagem, em um exercício de estudo e compreensão, sem o trabalho da interpretação. Favorecer essa interpretação é a contribuição da análise do discurso. Assim o trabalho do analista do discurso, deverá levar em conta o homem na sua história e considerar

os processos e as condições de produção de linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade (Orlandi, *op. cit.*, p.16).

Entenda-se esta exterioridade como os aspectos contextuais da fala, como o político e o social. Sobre estes contextos da fala, Castro (2010) dirá que ao analisar o dizer de um sujeito, será necessário destacar a relação entre os dizeres e os não-dizeres, evidenciando os lugares e as maneiras que cercam os dizeres conforme enunciados agora, em relação a outros lugares e outras maneiras enunciadas anteriormente.

O enfoque metodológico, numa perspectiva da análise do discurso, leva em conta não a relação do sujeito com o objeto concreto “linguagem”, mas com “os

processos de comunicação em situação de uso, isto é, o discurso” (ARAÚJO, *op. cit.*, p. 202), objetivando, assim, compreender a linguagem como um elemento intrínseco às relações humanas em situações das mais variadas que demandam comunicação.

Sugere-se que é diante do Outro e do contexto que o discurso haverá de ser constituído; assim, as condições de enunciação não serão as únicas inerentes a este fenômeno, e as condições de produção do discurso serão também de outra ordem. Segundo Gregolin (2003), em Pêcheux o conceito de ‘condições de produção do discurso’ encontra-se elaborado de maneira a dizer que esta acontece em função do que foi afirmado anteriormente e que se colocou diante do sujeito sob forma de uma imposição. Para Castro (*op. cit.*) isto implica que o sujeito não dispõe de total liberdade para produzir os seus discursos, ainda que o mesmo acredite no contrário. Afirma a autora que o discurso será então o resultado das representações que envolvem, entre outros aspectos, o sujeito, a ideologia e a alteridade⁵.

Para Maingueneau (1987 *apud* BRANDÃO, 2004), a perspectiva teórica francesa da análise do discurso, privilegiada na presente pesquisa, considera dimensões específicas do discurso qual sejam: o campo institucional no qual o discurso é produzido, a dimensão histórico-social que se presentifica e se cristaliza no discurso, e ainda, como uma terceira dimensão, a relação do discurso com o interdiscurso.

É sobre esta terceira dimensão, apontada pelo autor, que se quer estabelecer o enfoque metodológico da análise que ora se propõe, no sentido de que o olhar e a análise sobre determinado discurso buscam perceber justamente as nuances do interdiscurso do sujeito em situação de dependência química.

Sublinhar a questão da interdiscursividade, aponta para como lidar com o que fora dito antes do que se diz agora, e como isso é retomado em termos de uma memória discursiva. Segundo Achard (1999, p. 14), “o passado, mesmo que realmente memorizado, só pode trabalhar mediante as reformulações que permitem reenquadrá-lo no discurso concreto face ao qual nos encontramos”.

⁵ O conceito de alteridade foi e é abordado em diversas áreas do conhecimento, sobretudo as ciências humanas. Entre os teóricos dos estudos da linguagem podemos contar com as contribuições de Mikhail Bakhtin, que em meio as suas inquietações ressaltou o papel fundamental do outro no discurso. Para o autor, a alteridade é o único lugar de liberdade do sujeito, pois “o homem tem uma necessidade estética absoluta do outro, do seu ativismo que vê, lembra-se, reúne e unifica, que é o único capaz de criar para ele uma personalidade externamente acabada; tal personalidade não existe se o outro não a cria (BAKHTIN, 2003, p. 33.). Alteridade então, diz deste outro e do papel deste no processo de significações do sujeito.

No bojo da análise das condições de produção do discurso, o interdiscurso é definido como:

aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. “ (ORLANDI, *op. cit.*, p.31).

Referindo-se à entrevista, fonte de análise do presente artigo, a situação discursiva é a da dependência química, e o interdiscurso consiste nesse caso, naquilo que em outro lugar, por outras pessoas da história do sujeito, já fôra dito sobre o sujeito bem como sobre a situação da drogadição, e que agora se apresenta como discurso do próprio sujeito em sua produção discursiva.

Buscando uma definição da palavra “interdiscurso”, Possenti (2003) chegou à expressão “primado do interdiscurso”, originada nos estudos da escola francesa de análise do discurso. Nesta teoria, o processo de formação desse discurso leva a um *assujeitamento do sujeito*⁶, uma vez que essa produção discursiva deixa de ser livre, sendo determinada pelo interdiscurso. Para o autor, no momento da formação discursiva, haverá um pré-construído que fala antes, cujo sentido é assimilado no discurso presente.

Guimarães (1985) aborda a questão da relação entre o eu e o outro no discurso, utilizando não a expressão interdiscurso, mas uma correlata a esta: relação interdiscursiva. Para o autor o dizer do outro está de fato no outro, no sentido de ser ele quem profere a fala. No entanto, pode-se dizer que o dizer do outro também poderá ser encontrado no dizer do eu. Assim o sentido do discurso, do dizer do eu, está implicado pelo dizer do outro⁷. Tem-se nisso que um discurso pode implicar, na verdade, uma série de formações discursivas, que apontam para outras vozes que não apenas aquela que ora enuncia.

⁶ Este conceito ressalta a idéia de inconsciência dos sujeitos envolvidos numa interação discursiva, uma vez que os sujeitos ocupam posições já determinadas pela formação social a que pertencem (AMARAL, 2002). Os sujeitos produzem um discurso “já dito”, uma vez que ele não é a origem em si do discurso, sendo o discurso produzido sempre em condições dadas, pré-estabelecidas dentro de uma determinada formação discursiva (*id.*).

⁷ Nem sempre este processo se dará de maneira consciente, uma vez que parte do sujeito sabe que sabe e outra parte do sujeito não sabe que sabe. Esta é a perspectiva da psicanálise e o conceito do inconsciente, de homem cindido. Brandão (*op. cit.*) afirma que o discurso é atravessado pelo inconsciente, ao passo que o inconsciente é concebido enquanto uma linguagem do desejo. É o inconsciente quem provoca a cisão entre o que é consciente e o que não é, dividindo, clivando, cindindo o sujeito.

O que procuraremos mostrar nesse estudo é que essas diferentes posições do sujeito no texto correspondem a diversas formações discursivas. Isto se dá porque em um mesmo texto podemos encontrar enunciados de discursos diversos, que derivam de várias formações discursivas (GUIMARÃES & ORLANDI, 1999, p. 53)

Para Brito (2011), o sentido de um discurso não se dará em separado do sentido de outros discursos, mantendo firme relação com dizeres anteriores. A autora ressalta desta forma a articulação entre o intradiscurso, isto é, a relação do discurso consigo mesmo, fio horizontal do dizer, e o interdiscurso que diz respeito a dimensão vertical do dizer. Infere-se que é justamente sobre a relação com a alteridade que trata a referida dimensão vertical. Segundo Brito (*op. cit*), a marca da alteridade sobre o discurso aponta para sua relação histórica e para sua exterioridade.

Já em Guimarães (1995), o conceito de interdiscurso pode ser descrito como a relação de um discurso com outros discursos, na medida em que os discursos terão menos a marca da particularidade e mais a marca das relações entre os discursos em sua constituição.

Metodologia

Numa perspectiva aplicada dos estudos da linguagem, objetivou-se identificar no discurso que ora apresentamos alguns fragmentos do levantamento teórico apresentado. Tendo como ponto de partida um banco de dados já existente, fruto de pesquisas anteriores a esta⁸, selecionamos a entrevista de um sujeito adicto, com a finalidade de inferir sentidos através da compreensão de suas nuances discursivas. A entrevista foi de caráter semi-estruturado, tendo sido realizada com um sujeito abrigado em uma comunidade terapêutica para drogadictos em situação de recuperação, mais especificamente sujeitos do gênero feminino. O relato fôra gravado, com prévia autorização, e logo após transcrito. Na apropriação que ora fazemos destes dados, buscou-se verificar de que forma o dizer do eu e o dizer do outro se apresentavam no discurso em questão, passando assim a uma análise do discurso. Os apontamentos a

⁸ Uma primeira pesquisa foi realizada por ocasião da conclusão do curso de pós-graduação em Clínica Psicanalítica, dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA, Campos dos Goytacazes/RJ. O título do artigo que divulga a pesquisa é *Psicanálise e sujeitos em situação de drogadição*, Ribeiro-Andrade & Mello (2010). A pesquisa fora realizada com a liberação do Comitê de Ética em pesquisas com seres humanos, tendo o seu parecer favorável sob o número 0002.0.413.000-11. O artigo que relata os resultados da referida pesquisa encontra-se no prelo.

seguir farão menção a um nome fictício, para salvaguardar a ética e o sigilo em pesquisa.

Uma breve Análise do Discurso

Fabiana chegou à casa de recuperação em meados de 2010, tendo sido encaminhada por membros de uma Missão Evangélica situada na então região conhecida como Cracolândia, em São Paulo. Aos dezessete anos, Fabiana já fazia uso de cocaína e, tendo saído de casa, vivenciou a prostituição e o ascendente envolvimento com o álcool e o *crack*. Foram oito anos neste quadro até chegar à comunidade terapêutica, local onde respondeu à entrevista em questão.

O discurso apresentado nesta entrevista revela que tanto sobre si mesma, como sobre a situação em que se envolvera, o discurso de Fabiana mostra-se atravessado por outros discursos que vão tecendo uma rede de significados do que diz. Em alguns momentos, Fabiana sabia que estava se referindo a algo que outro já havia dito sobre ela, ou sobre suas escolhas, mas em outros momentos essa consciência lhe escapava, e a sua fala, mesmo que implicitamente tendo origem no discurso de outrem, aparecia como sendo propriamente sua, apresentava-se como dizer do eu.

Fabiana relatava uma relação difícil com a mãe de criação, que se utilizava de constantes agressões físicas como forma disciplinar. Ao ser questionada do motivo pelo qual ela geralmente apanhava, Fabiana responde prontamente: “Fazia arte”. Daí entende-se que a criança que faz arte, apanha, e que era por isso que ela apanhava, porque fazia arte. O conceito da expressão “fazer arte”, pode estar relacionada, a alguém que por um veia artística se entrega a sua habilidade e como resultado tem-se um fazer artístico pela sua produção. No entanto, a mesma expressão pode estar relacionada a peraltices, a atos inconseqüentes ou desobedientes, geralmente em se tratando de crianças. É neste sentido que acredita-se que Fabiana utiliza esta expressão: porque fazia peraltices, sua mãe a agredia fisicamente. No entanto, ao longo do seu discurso percebeu-se que os reais motivos das surras eram bem diferentes.

... Depois de um tempo, batia por qualquer coisa. Aí depois foi nascer o meu irmão, né? De criação... Aí, portanto, eu tenho que cuidar deles pra ela ir trabalhar né? Aí qualquer coisa a responsabilidade era minha que era a mais velha. É.. Se ele tem 20, eu tinha 5 anos. Não... Acho que a partir do momento que ele tinha 5... que eu tinha... uns nove pra dez anos eu tomava

conta... Aí eu ficava, buscava almoço, mas a responsabilidade era sempre mais minha... Tem 4 (irmãos) agora... Comigo era 5. Isso. Três mulheres e um homem. Aí toda a responsabilidade caía pra cima de mim, né? Eu tinha que fazer as coisas de casa antes de ir pra escola... Cuidava direitinho... Tranqüilo... Era só minha mãe que implicava né? Que as vezes ia pra rua.. Só fazia as coisas na hora que ela tava chegando...Aí ela brigava, batia.

Apesar de responder imediatamente que o motivo das surras era o “fazer arte”, percebe-se que Fabiana era injustamente punida. No entanto, sua fala estava dominada pela força do que imagina-se que recorrentemente ela ouvia ao se corrigir uma criança. Assim, temos que “fazer arte” apresenta-se no dizer do eu, mas sua significação vem do dizer do outro, uma vez que não correspondia a uma unidade com o todo do discurso.

O pai de Fabiana morre quando a mesma tinha por volta dos dez anos, e os maus tratos não deixaram de acontecer; ao contrário, sua situação na casa onde morava ficava cada vez mais difícil. O relato analisado fala de um homem que ela chamava de avô, que assim como seu pai, morrera de cirrose. Segundo Fabiana as brigas eram constantes com este avô.

Que ele (o avô) ficava falando pra mim que não era pra eu chamar minha mãe, a minha tia de mãe. Que eu chamava ela de mãe, né? Por causa que ela não era a minha mãe... Eu falava mamãe, né? Ficava falando que não era pra eu chamar ela de mãe, que não era pra mim ta ali... Mas eu tinha, eu acho que uns 10 anos, por aí... É... acho que faz uns 13 anos que ele morreu... 14 anos por aí... Morreu também de cirrose.

Ao ser indagada sobre sua relação com seu pai, Fabiana afirma que ‘foi muito boa’, que foi um tempo ‘muito bom’. Se fizermos uma análise literal destas expressões poderemos inferir que uma série de coisas boas aconteceram a Fabiana nesta época e que esta relação com o pai lhe dava sustentação emocional na infância, já que com a mãe de criação as coisas pareciam sempre difíceis. No entanto, ao longo do discurso percebe-se que a expressão ‘muito bom’, dizia respeito a mais uma inversão de responsabilidades que fazia de Fabiana, alguém que sempre precisou cuidar, mas que normalmente não era cuidada por ninguém.

Não... Foi muito bom.. Quando ele vinha pra casa, né? Ele era bonzinho, sempre foi... Nunca me bateu nem nada, né? Era pouca... A gente não ficava muito junto... E quando ele vinha, que as vezes ele bebia e ficava na rua uma semana, ia no serviço da minha avó, né? Porque bebia que meu vô não queria ele lá... Aí ficava muito tempo na rua. Aí quando ele ia, as vezes, eu ia lá ajudar ele... Quando ele ia pra casa... Ajudava a dar banho, tudo... Trocar ele...Porque vinha sujo da rua... Aí ele levava eu pra ir na padaria, no mercado...

Pergunta-mo-nos como uma criança pode usar as palavras ‘muito’ e ‘bom’ para se referir a uma relação como esta descrita, na qual ela, uma criança, era quem dava banho e trocava as roupas, de um pai ausente e bêbado? O sentido só será compreendido se levarmos em conta o universo desta enunciação. Numa realidade em que era explorada pela mãe de criação, espancada para fazer os serviços da casa e maltratada pelo avô, um pai que nunca a agrediu fisicamente, que a levava para passear na padaria e no mercado, representava de fato um pai ‘bonzinho’, com quem gostava de estar, com quem vivia momentos que podiam até ser chamados de ‘muito bons’.

Em outro trecho da entrevista, Fabiana descrevia o momento em que decidira prostituir-se. Para se livrar da realidade familiar em que vivia, que envolvia, entre outros conflitos, o que fora expresso no texto acima, Fabiana decide sair de casa mesmo sem ter um destino ou recursos que pudessem mantê-la em qualquer outro lugar. Foi nesse contexto que ela intensificara o uso de drogas e envolvera-se pela primeira vez com a prostituição.

É e depois que eu fugi mesmo que eu comecei a... Porque tinha que... É... Comecei a fazer.. É... programa, né? Era garota de programa, que eu saí de casa, eu tinha que... Como é que fala? Pra se sustentar né?

Neste momento, infere-se que ela buscava uma justificativa para sua ação e a frase “ para se sustentar” certamente não era originalmente sua, antes estava sendo importada de um outro discurso, um fragmento do dizer do outro, agora presente no dizer do eu. O argumento de que a prostituição “era pra se sustentar” era pré-construído, como nos postulado de Orlandi (*op. cit.*) e Possenti (*op. cit.*), tanto que em sua fala ela tenta retomar a exata maneira que ouvira esta expressão em outros dizeres – “como é que fala? – apontando para o fato de que esta fala era proveniente de um outro discurso e que fora incorporada ao seu.

Ainda um outro exemplo de como o interdiscurso está presente nas falas atuais de Fabiana ocorreu no momento em que descrevia o ambiente familiar quando adulta. Depois de ter saído de casa pela primeira vez, a entrevistada retorna em alguns momentos para casa, mas a convivência ficava cada vez pior. As brigas se intensificavam a cada dia, e de certa forma isso se tornou, no dizer de Fabiana, mais um motivo para continuar usando drogas.

Com as briga, isso. Aí depois usava também, aí brigava, aí que usava... Eu acho que era uma forma de.. Como é que fala? Expressão na droga né?

Mais uma vez fica implícito que em algum lugar, por alguma pessoa, ou por um determinado grupo social, a fala “expressão na droga” fora enunciada, e agora para significar uma maneira de desabafar e lidar com as dificuldades, essa fala é retomada. Vejamos que diferentemente do primeiro exemplo que demos, com a frase “Fazer arte”, Fabiana sabia que originalmente essa fala não era sua, mesmo que não soubesse ao certo de quem era. Se bem que a partir daquele momento, não era somente sua, embora agora o fosse também.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certas realidades, bastante particulares, puderam ser percebidas relacionando o discurso, o interdiscurso e o contexto em que as formações discursivas foram acontecendo. Tendo completado 17 anos, entregado-se ao vício e à moradia de rua, Fabiana já havia vivenciado grandes conflitos existenciais. Ao narrar a sua história, tentando articular com suas palavras um sentido para suas atitudes Fabiana fala da vida de criança que fôra interrompida pelas obrigações de adulto. Das surras e maus tratos que substituíram a acolhida que uma criança deve ter. Sua revolta e a droga como escape compõem o cenário que propiciou a situação de drogadição e os sentidos que hoje o seu discurso abriga.

Os trechos da entrevista ilustram a maneira pela qual o interdiscurso pode ser encontrado nas formações discursivas, com a percepção ou não do eu. Daí que, independentemente da consciência que se tenha disso, o dizer do outro, originalmente em tempo passado, bem como as condições de produção do discurso, terão um peso de significação no dizer do eu.

Os trechos da entrevista ilustram a maneira pela qual o interdiscurso pode ser encontrado nas formações discursivas, com a percepção ou não do eu. Daí que, independentemente da consciência que se tenha disso, o dizer do outro, originalmente em tempo passado, bem como as condições de produção do discurso, terão um peso de significação no dizer do eu. Conclui-se que a análise do discurso favoreceu a compreensão do sujeito falante em questão, justificando-se como dispositivo de elucidação das estruturas internas e subjetivas do discurso. O sentido do discurso do sujeito, pode ser melhor clarificado visto que outras formações subjacentes sejam relevadas.

Quanto à situação da drogadição, fica claro que a mesma traz em si uma realidade de lógica própria, fixada ao tempo, espaço e contexto do sujeito envolto na dependência química. Ao debruçar-se sobre a fala de um sujeito drogadicto, quer para fins profissionais no sentido de dar um suporte ao tratamento partindo do depoimento do sujeito sobre sua situação, quer para fins familiares, no sentido de compreender o que diz um familiar drogadicto para então poder ajudá-lo, sugerimos uma atitude de plena abertura. Abertura aos múltiplos sentidos, abertura ao que excede a palavra em si, abertura à riqueza e à singularidade da linguagem para cada sujeito, dentro de sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, P. et al. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-21.

AMARAL, Nair F. Gurgel. Um pouco de humor na análise do discurso: Resgatando a subjetividade discursiva. In **Primeira Versão**. Porto Velho, Edufro, 2002, p. 1-8. Disponível: http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_pdf/numero034Nair.pdf. Acesso em 06/08/2012.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: uma introdução á filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra, edição eletrônica, 2003.

BALLANI, T.S, OLIVEIRA, M.L.F. Uso de drogas de abuso e evento sentinela: construindo uma proposta para avaliação de políticas publicas. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2007 Jul-Set; 16(3): 488-94.

BAUMKARTEN, S. **O significado da drogadição no contexto da adolescência, da família e da instituição – um estudo sobre usuários e abusadores de merla do Distrito Federal**. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução á análise do discurso**. 2. Ed. Campinas,SP: Editora da Unicamp, 2004.

BORGES NETO, José. **Ensaio da filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola Editoria, 2004.

BRITO, Cristiane Carvalho de Paula. Discurso(s) sobre o ensino de língua materna em um curso de formação de professores. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol.11 no.3, 2011.Disponível: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 06/08/2012.

CARNEIRO, H; VENÂNCIO, R. P. **Álcool e drogas na história do Brasil**. São Paulo: ALAMEDA, 2005.

CASTRO, Maria de Fátima F. G. de. Da formação pré-serviço à prática em-serviço do professor de língua inglesa: a falta constitutiva. *Trabalhos de. Linguística Aplicada*, vol.49, n.1, 2010, p. 185-204. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 06/08/2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18ª.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis,RJ: Vozes, 1971.

Glossário de álcool e drogas. Trad. e notas: J. M. Bertolote. Brasília: Secretaria Nacional Antidrogas, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo & ORLANDI, Eni. Unidade e dispersão: uma questão do sujeito e do discurso. In: ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 4. ed. São Paulo, Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp. 1999.

GUIMARÃES, Eduardo. Os limites do sentido. Um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas, Pontes, 1995.

_____. Não só... mas também: polifonia e argumentação. **Cadernos de estudos lingüísticos**. Campinas, n. 8, 1985, p. 79-108.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. (orgs.) **Teorias Lingüísticas: Problemáticas Contemporâneas**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2003, p. 21-34.

LONGENECKER, G. L. **Como agem as drogas – o abuso das drogas e o corpo humano**. São Paulo: Quark books, 1998.

MARCONDES, Danilo. **Textos básicos de linguagem**: Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

MEDINA, José. **Linguagem: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA, Ingrid Bergma da Silva. **Tecendo saberes: fenomenologia do tratamento da dependência química**. Dissertação de Mestrado. Belém: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2007.

OMS. Relatório sobre a Saúde no Mundo 2001: saúde mental, nova concepção, nova esperança. Genebra, Suíça: OMS, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 9ª edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2010.

_____. “Protagonistas do/no discurso” e “O lingüístico e o social”, in **Foco e pressuposição**. Uberaba: Fiube, 1978, pp.11-29 e 75-80.

PENCO, Carlo. **Introdução à filosofia da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PÊCHEUX, M. (1983). O Discurso: Estrutura ou Acontecimento. 3ª ed. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes. 2002.

PINTO, F.S. A interface entre a análise do discurso e a retórica. **Revista Academus**, vol 2, n. 2, Jul-Dez, 2006, pp.93-104.

POLIDO, Fernando Simões. Ostensão e Inferência: O contexto Pragmático na Delimitação Cognitiva da Significação. *Revista Linguagem*, n. 12 Universidade Federal de São Carlos. 2010. Disponível: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao12/ic_03.php. Acesso em 15/02/2012

POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. **Revista Letras**, n. 61, especial. Curitiba: Editora UFPR, 2003, p. 253-269.

RIBEIRO-ANDRADE, Erica Henrique. & MELLO, Denise Ribeiro Barreto. **Psicanálise e sujeitos em situação de Drogadição**, 2010. No prelo.

RUSSELL, Bertrand. **Significado e verdade**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SEARLE, John R. **Os actos de fala**. Coimbra: Livraria Almeida, 1984.

SILVEIRA, D. X; MOREIRA, F. G. (Org.). **Panorama atual de drogas e dependência**. São Paulo: Atheneu, 2006.

SUDBRACK, M.F.O; PEREIRA, S.E.F.N. Drogadição e Atos Infracionais na Voz do Adolescente em Conflito com a Lei. In **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, Vol. 24 n. 2, pp. 151-159, 2008.

TAVARES, B. F; BERIA, J. U.; LIMA, M. S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo. n.2, v. 35, abr. 2001. p.150-158.

THOMAS, H; ROIG, P.M. **Reaprendendo com a drogadição**. São Paulo: Empório do Livro, 1998.